

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

UNDOING PENELOPE'S FABRIC:

Material culture, loom weights and gender studies

Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Hatti

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:

Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors

Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

imperiais por parte destes autores romanos. Teria sido positivo dedicar, pelo menos, um parágrafo introdutório aos preconceitos destes membros da elite romana em relação às mulheres da casa imperial, o contexto em que escreveram as suas histórias/biografias, ou as suas preocupações e anseios ao portar estas mulheres de maneira positiva ou negativa. Também verificámos a ausência de uma indagação epistemológica, que, como refere McHugh, balanceia entre o “optimismo” e o “pessimismo”, sem que a A., no entanto, discuta a relevância para o mundo coevo deste estudo sobre as mulheres na Antiguidade (devemos esta reflexão a McHugh 2022, 634). No que tange à leitura do livro, a maior dificuldade com que deparámos foi a constante comparação, por vezes no mesmo parágrafo, de mulheres imperiais de diversos principados.

Porquanto estas observações, o livro de Mary T. Boatwright entra, certamente, no cânone das obras sobre as mulheres imperiais no período de 35 a.C. até ao fim da dinastia dos Severos. O seu trabalho de síntese e cuidado na apresentação destas mulheres terá de ser sempre louvado.

João Paulo Simões Valério

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

TÁCITO. *Anais.* Tradução de José Liberato Freire de Carvalho. Edição, introdução, notas e índices de Ricardo Nobre. Prefácio de Nuno Simões Rodrigues. Coordenação de Maria Cristina Pimentel. Lisboa, Edições Colibri, Novembro de 2022, 477 pp. ISBN 978-989-566-244-9 (20.00€).

A publicação da clássica obra de Públio Cornélio Tácito (c. 56 – c. 120 d. C.), *Anais*, constitui uma excelente notícia para a comunidade académica portuguesa que estuda a Roma Antiga, dita Clássica. Que se trate de uma reimpressão da tradução de José Liberato Freire de Carvalho (1772-1855), um dos mais polémicos e olvidados autores e pensadores do liberalismo português do século XIX, em final de ciclo da comemoração do vintismo, de 2020 até agora, torna ainda mais apetecido o livro em causa.

Em boa hora o Centro de Estudos Clássicos e o Centro de História da Universidade de Lisboa, em conjunto com as Edições Colibri, se associaram para tornar acessível ao público uma obra que há demasiado tempo não ultrapassava a condição de apetecida curiosidade de leitores de Tácito e de José Liberato, um dos vários tradutores portugueses do autor romano. Com o apoio financeiro da Comissão Liberato, de Coimbra, que desde 2015 dinamiza as evocações e edições de textos de José Liberato.

Tanto assim é, que os critérios editoriais, reproduzidos na página 45, exemplificam o cuidado tido na preparação da obra: actualização de toda a ortografia; repontuação completa do texto português; correcção de todos os nomes próprios e o desenvolvimento de abreviaturas; reescrita total das notas do original e adição de outras (incluindo algumas problematizando o sentido das soluções de tradução de José Liberato); e, last but not least, organização de índice remissivo onomástico que inclui esclarecimentos biográficos, modernas localizações geográficas e informações de outra natureza.

O prefácio, intitulado “O Tempo de Tácito”, da responsabilidade de Nuno Simões Rodrigues, ocupa as páginas 7 a 20 e está dividido em oito parágrafos. Apenas de passagem são abordados aspectos biográficos da vida de Públio Cornélio Tácito, sobre, o qual, de resto, pouco se sabe, a nível de pormenores da vida pessoal. O tempo de Tácito é, assim, sobretudo, o tempo dinástico imperial romano, nas suas vicissitudes e complexidades essenciais. A época de maior glória imperial, maior prosperidade e melhor conhecimento factual. Das dinastias júlio-cláudia (de Nero, Tibério e Calígula) e Flávia (de Trajano e Adriano), riquíssimas em exemplos de despotismo, autocracia e crueldade imemoriais.

A introdução, por Ricardo Nobre, ocupa as páginas 21 a 43 e está dividida em 6 parágrafos. Ocupa-se na contextualização do manuscrito da tradução, da vida e obra de Tácito e da vida e labor intelectual de José Liberato.

Uma passagem do texto de Ricardo Nobre sumariza o que de Tácito traz de mais importante para o leitor actual, no século XXI: ensina-o

A compreender como Roma conduziu a sua política, interna e externa, administrou as suas províncias (Bretanha, Germânia, Panónia), assegurou a sua expansão militar. É dele o relato das grandes revoltas dos exércitos no primeiro século da nossa era, dos funerais de Germânico, das mortes de Cláudio, de Britânico e de Agripina, do grande incêndio de Roma e consequente perseguição dos Cristãos, das mortes de Séneca e de Petrónio, decorrentes da conjura de Pisão para derrubar Nero; é nas *Histórias* que se contam os acontecimentos do ano dos quatro imperadores [69 d.C.], a tomada de Bedriaco, o incêndio do Capitólio, e a destruição do templo de Jerusalém. Em suma, a história de Roma, do Reino Unido, da Alemanha, da Áustria, da Hungria, dos Judeus, do Cristianismo e do Médio Oriente não pode ser escrita sem a obra de Tácito (pp. 23-24).

Caracterizado como intelectual e pensador, advogado, orador e historiador, de quem se conhecem sobretudo elementos biográficos conjecturais, Tácito tem nos *Anais* a sua principal obra (que nos chega incompleta), cobrindo – de forma desigual – os anos de 14 a 66 d.C.,

cinquenta e dois anos de história de Roma nos quais se assistiu a significativas mudanças de instituições políticas, cuja interpretação foi decididamente modelada pela perspectiva de Tácito, um autor com aguda percepção do património a legar à posteridade e do valor insubstituível da liberdade, incluindo a liberdade de expressão e do pensamento (pp. 25-26).

Ora, esta percepção de Tácito, autor que no século XVII D. Francisco de Melo considerava como o “patriarca dos estadistas” (p. 22; hoje diríamos: dos sociólogos, à laia de Montesquieu ou Marx), é essencial para entender a importância da tradução dos *Anais* de Tácito por José Liberato Freire de Carvalho em 1830 e da sua reimpressão em 2022.

José Liberato Freire de Carvalho (1772-1855), patriarca dos publicistas portugueses sob o Vintismo (o regime constitucional que durou de 1820 a 1823), constitui um dos exemplares maiores de alguém que, pela pena, soube encarnar o legado libertário de Tácito. Perseguido pela inquisição, pelos invasores franceses, pelo regime miguelista, crítico do liberalismo cartista, memorialista que morre na miséria, esquecido pela sucessão de regimes constitucionais cuja possibilidade de vingar ajudou

(mesmo que com eles não concordasse na totalidade) José Liberato continua inquestionavelmente a constituir uma pedra no sapato da cultura portuguesa posterior ao 25 de Abril de 1974.

De facto, para Liberato, não existe linha de demarcação clara entre a estupidez e maldade humanas de miguelistas e de liberais. É nos *Anais* de Tácito que o português vai buscar os exemplos clássicos para classificar aqueles que, de entre os seus coevos, considera mais desprezíveis: Pina Manique e o conde de Subserra são novos Sejanos, D. Carlota Joaquina e D. João VI Messalina e Cláudios nacionais, Pombal é comparado a Domiciano... Quanto a Cândido Xavier José e Agostinho José Freire, *amigos de D. Pedro*, homens que calcam “aos pés todas as leis constitucionais”, seriam tão terríveis que nem na Antiguidade encontrariam antepassados directos... (pp. 33-37). Apenas Gomes Freire de Andrade, qual novo Germânico, escapa a este sinistro quadro geral (p. 36).

Porém, apesar do mérito inquestionável da análise sintética de Ricardo Nobre sobre o pensamento político e historiográfico de José Liberato, das páginas 28 a 42 (na minha perspectiva de contemporaneísta, o que este volume contém de mais inovador), na verdade, tal contributo para o conhecimento desta figura oitocentista acaba por replicar o que, desde 1982, pela mão de João Carlos Alvim (*Memórias da vida de...* Introdução de João Carlos Alvim, Lisboa, Assírio e Alvim), é dito: por falta de sistematização de bibliografia afim, e de esforço colectivo, nacional, repete-se o que já foi feito ou, naturalmente, não se refere o que se ignora existir. Isto, à falta de uma biografia colectiva e de encontros científicos regulares sobre a vida, pensamento e legado de José Liberato.

Limito-me, a esse propósito, a fornecer três exemplos, necessariamente breves. Em Outubro de 2022, um mês antes da publicação do livro em recensão, a Comissão Liberato, via Lema d’Origem, publicou, com estudo introdutório da minha responsabilidade, *Portugal e a Independência do Brasil*. Os artigos de “O Campeão Portuguez em Lisboa” (1822-23). Na dita introdução, é mencionada a expressão “Sejanos e Tigelinos”, tanto no *Campeão Português*, quanto no *Paquete de Portugal* (1829).

De 15 de Maio de 1 de Setembro de 2023, na Biblioteca Nacional de Portugal, a mostra *De Loretus a Spartacus. 250 anos do nascimento de José Liberato Freire de Carvalho* exibiu alguns dos mais importantes documentos manuscritos e espécimes bibliográficos que a instituição e um dos membros da Comissão Liberato puderam seleccionar. Teria sido interessante, uma vez que entre a Biblioteca Nacional e a Cidade Universitária existe pequena distância física, organizar alguma cerimónia comum, por exemplo, a propósito do lançamento editorial do presente volume, fruto do labor de dois centros de investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dessa forma, a divulgação do legado de José Liberato seria, potencialmente, maior.

Por fim, em Maio de 2023, de José Liberato é lançada, pela mesma Lema d’Origem, a reimpressão de outro título há muito inédita deste famigerado autor: nada menos do que o *Ensaio político sobre as causas que preparam a usurpação do infante D. Miguel em 1828 e com ela a queda da Carta Constitucional de 1828*, 192 pp. Lamentavelmente, o volume carece de um estudo introdutório de contexto, sobretudo a propósito do bicentenário da Vilafrancada e do fim da primeira experiência constitucional portuguesa, na qual – é bom recordar – José Liberato esteve profundamente envolvido.

A propósito de José Liberato, em 2022-2023, parece, pois, imperar uma espécie de vergonha nacional, restando saber se por ter sido eclesiástico e abandonado a condição religiosa, se por ter sido membro da maçonaria, se por ter sido vintista e, portanto, derrotado...

Ou seja, embora a presente edição constitua, inquestionavelmente, uma valiosa adição para o conhecimento do pensamento político e historiográfico de Públio Cornélio Tácito, e para

o de José Liberato Freire de Carvalho (justamente dito, por Ricardo Nobre, o “Tácito português”, p. 42), no caso do autor português, trata-se de uma ferramenta isolada do conjunto de outros utensílios disponíveis para analisar uma das figuras mais polémicas, olvidadas e incômodas do Portugal contemporâneo. Um moralista impiedoso da nossa política e história, como o foram, depois de si, Alexandre Herculano e Joaquim Pedro de Oliveira Martins.

Daniel Protásio

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

VERENA SCHULZ (2019), *Deconstructing imperial representation: Tacitus, Cassius Dio, and Suetonius on Nero and Domitian*. Mnemosyne supplements, 427. Leiden: Brill, 2019. xii, 410 pp. ISBN 9789004407213 (152.00€).

Qual é o impacto transformador da escrita? Como a habilidade de narrar e representar pode construir de maneira tão persuasiva e bem-sucedida a imagem de um imperador, a ponto de sua figura se tornar intrinsecamente associada a conotações negativas? Estas são algumas das questões cruciais abordadas pela académica alemã Verena Schulz na sua obra *"Deconstructing Imperial Representation: Tacitus, Cassius Dio, and Suetonius on Nero and Domitian"* (2019).

Schulz foca-se na análise e reinterpretção dos retratos elaborados por Tácito, Dião Cássio e Suetónio sobre os imperadores Nero e Domiciano. Desse modo, Schulz analisa as várias técnicas discursivas dos autores romanos para destrinçar e questionar as representações imperiais que julgam inaceitáveis. O seu ponto de partida são as práticas retóricas, por meio das quais os escritores clássicos forjaram perspectivas críticas sobre as figuras imperiais que rompiam com o *mos maiorum*.

Como salientado por Schulz, a pesquisa realizada para a obra representa uma “adaptação sutil” de sua tese de *Habilitationsschrift*. Nesse contexto, temos como resultado um livro pragmático dividido em cinco seções distintas. A *Part 1* destinada à introdução, seguida por um desenvolvimento (*Part 2, 3 e 4*) que expõe três modelos de desconstrução empregados pelos autores clássicos, culminando em uma diminuta *Part 5* de conclusão. Os capítulos dentro do livro seguem uma ordem protocolar que fornece uma progressão lógica e coerente na análise proposta dos autores por Schulz.

A *Part 1*, intitulada de *Constructing the Emperor in Historiography and Panegyric*, é subdividida em dois capítulos. No primeiro, a autora serve-se de exemplos para destacar pontos relevantes que levam Tácito, Dião Cássio e Suetónio a construir as imagens negativas de Nero e Domiciano. Já no segundo somos apresentados aos conceitos que sustentam as suas concepções científicas. Mediante a leitura, fica latente a necessidade da compreensão sobre os géneros literários, mais precisamente entre o “discurso historiográfico” e o “discurso panegírico”, para se refletir sobre as representações de Nero e Domiciano.

É na *Part 2* que Schulz inicia o processo de introdução dos historiógrafos clássicos. O primeiro a ser abordado é Tácito. Destaca-se o capítulo 3, que leva o nome de *Imperial Representation and Topics of Deconstruction*, pois a abordagem de Schulz traça chaves analíticas que são de extrema valia para a continuação da obra, fazendo uma seleção e organização de tópicos literários com



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA